

Revista **a** EVOLUÇÃO

Ano III - nº 34 - Novembro/2022

ISSN 2675-2573



LANÇAMENTO



Platform & workflow by OJS / PKP

www.primeiraevolucao.com.br

Editor Responsável:

Antônio Raimundo Pereira Medrado

Editor correspondente (Angola):

Manuel Francisco Neto

Coordenaram esta edição:

Andreia Fernandes de Souza

Manuel Francisco Neto

Vilma Maria da Silva

Organização:

Manuel Francisco Neto

Vilma Maria da Silva

Colunista: Isac dos Santos Pereira

AUTORES(AS) DESTA EDIÇÃO

- Eliane Cristina Bulgan Borges
- Elisângela Oliveira Silva
- Giselda Trindade da Silva
- Lucicleide Pereira dos Santos
- Luís Venâncio
- Manuel Francisco da Silva e
- Estanislau de Sá Bartolomeu
- Marilene Pereira da Silva
- Monica Nunes
- Tatiane Pavão Ongaro Borges
- Patrícia Herminio da Silva
- Silvana Trindade de Azevedo
- Solange Alves Gomes Zaghi
- Vera Lucia Meneses de Lima Marques

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Maurício Amormino Júnior, CRB6/2422)**

Revista Primeira Evolução [recurso eletrônico] / [Editor] Antônio Raimundo Pereira Medrado. - ano 3, n. 34 (nov. 2022). - São Paulo, SP: Edições Livro Alternativo, 2022.
92 p.

Mensal

Vol. 1, n. 1 (fev. 2020)

ISSN 2675-2573

Modo de acesso: <https://primeiraevolucao.com.br>

DOI 10.52078/issn2673-2573.rpe.34

1. Educação – Periódicos. 2. Pedagogia – Periódicos. I. Medrado, Antônio Raimundo Pereira.

CDD 370.5

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

ACESSOS:

<https://primeiraevolucao.com.br>



<https://doi.org/10.52078/issn2673-2573.rpe.34>



São Paulo
2022

Editor Responsável:

Antônio Raimundo Pereira Medrado

Editor correspondente (ANGOLA):

Manuel Francisco Neto

Comissão editorial:

Antônio Raimundo Pereira Medrado
José Roberto Tenório da Silva
Manuel Francisco Neto
Vilma Maria da Silva

Coordenação editorial:

Ana Paula de Lima
Andreia Fernandes de Souza
Denise Mak
Isac dos Santos Pereira
Patrícia Tanganelli Lara
Thaís Thomas Bovo

Com. de Avaliação e Leitura:

Prof. Me. Adelson Batista Lins
Prof. Me. Alexandre Passos Bitencourt
Profa. Esp. Ana Paula de Lima
Profa. Dra. Andreia Fernandes de Souza
Profa. Dra. Denise Mak
Prof. Me. Isac dos Santos Pereira
Prof. Dr. Manuel Francisco Neto
Profa. Ma. Maria Mbuanda Caneca Gunza Francisco
Profa. Dra. Patrícia Tanganelli Lara
Profa. Dra. Thaís Thomaz Bovo
Profa. Ma. Veneranda Rocha de Carvalho

Bibliotecária:

Patrícia Martins da Silva Rede

Colunistas:

Profa. Mestranda Cleia Teixeira da Silva
Prof. Doutorando Isac dos Santos Pereira
Prof. Mestrando José Wilton dos Santos

Edição, Web-edição e projetos:

Antonio Raimundo Pereira Medrado
José Roberto Tenório da Silva
Lee Anthony Medrado

Contatos

Tel. 55(11) 98031-7887
Whatsapp: 55(11) 99543-5703
primeiraevolucao@gmail.com (S. Paulo)
netomanuelfrancisco@gmail.com (Luanda)
<https://primeiraevolucao.com.br>

Imagens, fotos, vetores etc:

<https://publicdomainvectors.org/>
<https://pixabay.com>
<https://www.pngwing.com>
<https://br.freepik.com>

É permitida a reprodução total ou parcial dos artigos desta revista, desde que citada a fonte.

Os artigos assinados são de responsabilidade exclusiva dos autores e não expressam, necessariamente, a opinião da revista.

Publicada no Brasil por:

Edições
Livro Alternativo

CNPJ: 28.657.494/0001-09

Colaboradores voluntários em:



www.primeiraevolucao.com.br

A revista **PRIMEIRA EVOLUÇÃO** é um projeto editorial criado pela Edições Livro Alternativo para auxiliar professores(as) a publicarem suas pesquisas, estudos, vivências ou relatos de experiências.

O corpo editorial da revista é formado por professores, especialistas, mestres e doutores que atuam na rede pública de ensino, e por profissionais do livro e da tecnologia da informação.

É totalmente financiada por professoras e professores, e distribuída gratuitamente.

PROPÓSITOS:

Rediscutir, repensar e refletir sobre os mais diversos aspectos educacionais com base nas experiências, pesquisas, estudos e vivências dos profissionais da educação;

Proporcionar a publicação de livros, artigos e ensaios que contribuam para a evolução da educação e dos educadores(as);

Possibilitar a publicação de livros de autores(as) independentes;

Promover o acesso, informação, uso, estudo e compartilhamento de softwares livres;

Incentivar a produção de livros escritos por professores e autores independentes.

PRINCÍPIOS:

O trabalho voltado (principalmente) para a educação, cultura e produções independentes;

O uso exclusivo de softwares livres na produção dos livros, revistas, divulgação, palestras, apresentações etc desenvolvidas pelo grupo;

A ênfase na produção de obras coletivas de profissionais da educação;

Publicar e divulgar livros de professores(as) e autores(as) independentes e/ou produções marginais;

O respeito à liberdade e autonomia dos autores(as);

O combate ao despotismo, ao preconceito e à superstição;

O respeito à diversidade.

**Esta revista é mantida e financiada por professoras e professores.
Sua distribuição é, e sempre será, livre e gratuita.**



Filiada à:



Platform & workflow by
OJS / PKP



Google Acadêmico



www.primeiraevolucao.com.br

A educação evolui quanto mais evoluem seus profissionais

SUMÁRIO

05 APRESENTAÇÃO

Prof^a. Dra. Andréia Fernandes de Souza

COLUNA

06 **Catalog'Art; Naveg'Ações de Estudantes**

Isac dos Santos Pereira



ARTIGOS

- | | |
|---|----|
| 1. MÉTODO MONTESSORI: A CRIANÇA COMO PROTAGONISTA DO SEU APRENDIZADO
Eliane Cristina Bulgan Borges | 11 |
| 2. A CONTAÇÃO DE HISTÓRIA COMO INSTRUMENTO PARA FORMAÇÃO CRÍTICA DA CRIANÇA
Elisângela Oliveira Silva | 17 |
| 3. A IMPORTÂNCIA DOS JOGOS MATEMÁTICOS NO ENSINO FUNDAMENTAL I
Giselda Trindade da Silva | 25 |
| 4. O AUTISMO E SUAS IMPLICAÇÕES NO CONTEXTO ESCOLAR
Lucicleide Pereira dos Santos | 31 |
| 5. A RELAÇÃO PEDAGÓGICA ENTRE O PROFESSOR/ALUNOS E OUTROS ACTORES NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM
Luís Venâncio | 37 |
| 6. ESTRATÉGIAS PEDAGÓGICAS PARA A APRENDIZAGEM DA MATEMÁTICA NA EDUCAÇÃO DE INFÂNCIA
Manuel Francisco da Silva e Estanislau de Sá Bartolomeu | 43 |
| 7. A IMPORTÂNCIA DOS JOGOS E BRINCADEIRAS NA ALFABETIZAÇÃO
Marilene Pereira da Silva | 51 |
| 8. ALIMENTAÇÃO E ATIVIDADE FÍSICA CONTRIBUIÇÕES PARA UMA VIDA SAUDÁVEL
Monica Nunes | 57 |
| 9. A CONTRIBUIÇÃO DA DIDÁTICA PARA A FORMAÇÃO DOCENTE
Patrícia Herminio da Silva | 63 |
| 10. AS BRINCADEIRAS EM DIAS DE PANDEMIA
Silvana Trindade de Azevedo | 69 |
| 11. AS LINGUAGENS ARTÍSTICAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL
Solange Alves Gomes Zaghi | 77 |
| 12. PRÁTICAS PEDAGÓGICAS
Tatiane Pavão Oongaro Borges | 81 |
| 13. A IMPORTÂNCIA DAS BRINCADEIRAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL
Vera Lucia Meneses de Lima Marques | 85 |

A RELAÇÃO PEDAGÓGICA ENTRE O PROFESSOR/ALUNOS E OUTROS ACTORES NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM

LUÍS VENÂNCIO

RESUMO

A escola é tida como um dos primeiros lugares de socialização que as pessoas se deparam, após a família, a escola é a primeira instituição fora a família nuclear. A escola é a instituição em que ocorrem interações entre diversos atores como os alunos, professores, funcionários administrativos, pais e encarregados de educação e membros da comunidade em que ela encontra-se inserida. A pesquisa utilizada é a bibliográfica que reflete sobre o papel do professor na relação pedagógica com os educandos. A relação pedagógica que o professor estabelece com os seus alunos é um fator determinante para gerar um clima de aula positivo que contribua para uma aprendizagem significativa dos alunos.

Palavras-Chave: Aprendizagens. Desenvolvimento. Equipe Escolar. Educação.

INTRODUÇÃO

O relacionamento humano é peça fundamental na vida dos indivíduos, seja na família, escola ou trabalho, visto que envolve um conjunto de interesses que mantém as pessoas juntas. Sendo assim, é relevante estudar a relação pedagógica professor/aluno e outros atores educativos, que de certeza é um dos problemas centrais e fundadores de todo o processo de ensino-aprendizagem, a relação pedagógica na sala de aula, pois dependendo de como ela ocorre, ocasiona inevitavelmente prejuízo ou promove o processo de ensino-aprendizagem.

É sabido que a escola oferece uma fonte de oportunidades para que as pessoas aprendam a ser, a fazer e a conviver, pois em uma sociedade globalizada, saber se relacionar torna-se peça importante para o crescimento do ser humano enquanto pessoa e profissional. A relação pedagógica professor-aluno é intrínseca ao processo de ensino-aprendizagem e determinante para o êxito do acto educativo, compreendido como prática social relacional.

Assim, o processo de ensino e aprendizagem é o caminho pelo qual professores e alunos terão a missão de trilhar para que, no final dessa caminhada, obtenham o sucesso escolar tão almejado (... e se poderão trilhar juntos uma grande caminhada as boas relações facilitarão e tornarão a caminhada agradável e saudável). Muitas vezes ocorre é que no meio desse processo existem interferências, que dificultam a aprendizagem e ocasionam o fracasso escolar. O fracasso escolar é o vilão que tem ocasionado medo nos alunos, todavia, pesquisas apontam que em alguns casos, o professor tem a sua parcela de responsabilidade pelo fracasso do aluno. Nessa perspectiva, autores como Charlot (2005) e André (1999) afirmam que, pelo facto de muitos professores rotularem seus alunos, criando estereótipos, e não oferecem a devida atenção às necessidades dos jovens, esses, por sua vez, ficam desmotivados em frequentar a escola e terminam por abandonar os estudos. A relação pedagógica professor- aluno, em alguns casos é baseada no autoritarismo, o que leva ao distanciamento desses indivíduos e, consequentemente, a falta de compreensão das necessidades dos educandos. Ainda, André (1999) em vários trechos do seu livro "Pedagogia das diferenças na sala de aula", busca compreender os possíveis factores que interrompem o sucesso do processo de ensino-aprendizagem e acarretam o fracasso escolar, o autor aponta, dentre outros factores, a falta de afetividade do professor.

O PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM

O professor deve realizar uma planificação eficaz de suas aulas e buscar constantemente metodologias adequadas que atendam às necessidades dos educandos.

É notório que o processo de ensino-aprendizagem tem como ponto de partida a figura do professor e a forma como ele se relaciona com seus alunos, utilizando como eixo norteador, não apenas o conhecimento mediado, resultante da captação e absorção dos conteúdos propostos pelo currículo, mas sim de uma formação integral de seus alunos, visando construir cidadãos conscientes.

Quando se trata de formar integralmente os alunos, entende-se que não é uma tarefa fácil. Para que isto efetivamente ocorra, é imprescindível a consciencialização dos professores, para que possam planificar variadas estratégias a fim de facilitar a aprendizagem de seus alunos. O educador deve então, estar aberto a passar por novas experiências, compreendendo o mundo e a realidade na qual seus alunos estão inseridos, mantendo uma relação baseada na valorização dos sentimentos dos seus alunos, nos seus problemas e necessidades, para que no fim desse processo os mesmos sintam-se realizados (Freire, 1996).

É facto que, por vezes, os conteúdos científicos tornam-se complicados na visão dos alunos, cabendo ao professor simplificar sem modificar seu conteúdo essencial, contextualizando esse conteúdo a realidade dos educandos, gerando uma aproximação e maior interesse por parte dos alunos, já que o professor acaba falando a mesma língua da sua turma. É nessa perspectiva que entra em questão a importância da relação pedagógica professor/aluno nesse processo, no qual o professor tem papel relevante, agindo como mediador dos conteúdos e das estratégias de aprendizagem, para que ocorra a efetiva compreensão e assimilação dos mesmos.

Em suas pesquisas, Morin (2005) enfatiza um conhecimento científico baseado na ligação entre as partes em conflito e ressalta que, na análise dos problemas e das necessidades, devem-se tentar resolver as questões por meio do diálogo. Assim, o processo de ensino/aprendizagem só terá eficácia se o conhecimento científico deixar de ser elitizado, ou seja, acessível para uma minoria. É necessário que a ciência assuma a sua função social no decorrer do processo de ensino/aprendizagem. Atualmente, a aproximação entre o homem e a ciência se torna de fundamental importância. O professor deve considerar que o aluno está em um contínuo processo de formação e que este período de aprendizagem deve ser valorizado. As atividades postas em prática pelo professor e a forma como o mesmo se relaciona com seus alunos em sala de aula demonstra como ele se impõe frente a uma sociedade competitiva e que anseia sempre mais conhecimento.

É o modo de agir do professor em sala de aula, mais do que suas características de personalidade que colabora para uma adequada aprendizagem dos alunos, fundamentada numa determinada concepção do papel do professor, que por sua vez reflete valores e paradigmas da sociedade (Abreu & Masetto, 1990, p. 115).

Significa dizer que o professor como o iniciador da informação científica diante dos alunos do qual emite crenças e modelos sociais e educativos para um bem comum.

Segundo Freire (1996),

O bom professor é o que consegue, enquanto fala trazer o aluno até a intimidade do movimento do seu pensamento. Sua aula é assim um desafio e não uma cantiga de ninar/acalentar. Seus alunos cansam, não dormem. Cansam porque acompanham as idas e vindas de seu pensamento, surpreendem suas imaginações, suas dúvidas, suas incertezas (p. 96).

Diante do exposto, percebe-se que, além do papel inspirador do professor, é importante salientar que a construção inadequada de um ambiente de ensino/aprendizagem, pode configurar-se em um espaço repleto de contrastes e complexidade cultural. O educador deve manter a sua constante capacitação profissional, levar em consideração o amplo universo cultural que o seu aluno pode estar inserido. Freire (1996) ainda afirma que:

O professor autoritário, o professor licenciado, o professor competente, sério, o professor incompetente, irresponsável, o professor amoroso da vida e das gentes, o professor mal-amado, sempre com raiva do mundo e das pessoas, frio, burocrático, racionalista, nenhum deles passa pelos alunos sem deixar sua marca. (p. 96).

Desse modo, existe a necessidade de existir afetividade, confiança e respeito na relação pedagógica professor/aluno. O professor deve estar consciente do seu dever de formador de opinião e não deixar que nada o interfira no cumprimento da sua função.

A RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO EM TRÊS ABORDAGENS PSICOLÓGICAS

A relação pedagógica insere-se nas relações educativas e ocorre através da relação entre seres humanos, em que um pretende transmitir conhecimentos a outro.

Pode-se dizer que “a relação pedagógica, no seu sentido mais restrito, consiste no contato interpessoal que se estabelece, num espaço (sala de aula) e num tempo delimitado (tempo letivo), no decurso do acto pedagógico (portanto, num processo de ensino-aprendizagem), entre professor-aluno-turma (agentes bem determinados)” (Estrela, 2002, p. 36, cit. por Amado, Freire, Carvalho e André (2016, p. 77). Para expor a influência da relação professor-aluno nos processos de aprendizagem podemos usar como base algumas abordagens psicológicas tais como as teorias comportamental, humanista e sócio-histórica que abordam as formas de interação do professor e suas consequências na vida estudantil dos alunos.

A teoria comportamental

Segundo Rocha (1980, citado por Mizukami, 1986), “para os behavioristas, a aprendizagem pode ser definida como uma mudança relativamente permanente em uma tendência comportamental e/ou na vida mental do indivíduo, resultantes de uma prática reforçadora” (p. 30). Mizukami (1986) afirma que ensinar consiste na organização e planejamento de contingências de reforço em que os alunos irão aprender, e que é de responsabilidade do professor a aquisição do comportamento. Com isso, pode-se pensar que a aprendizagem consiste na aquisição de novos comportamentos, mediados por outrem. Na aprendizagem escolar, essa aquisição de novos conhecimentos é mediada e facilitada pelo professor. De acordo com Mizukami (1986), os comportamentos esperados dos alunos são instalados e mantidos por condicionamentos e reforçadores arbitrários (elogios, prêmios, reconhecimentos do mestre e dos colegas) e que estão associados a uma classe de reforçamentos mais remotos e generalizados (diploma, vantagens da futura profissão, aprovação final no curso, possibilidade de ascensão social e monetária). Neste contexto, o professor teria a responsabilidade de planificar e desenvolver o sistema de ensino-aprendizagem, de forma tal que o desempenho do aluno seja maximizado. De acordo com Skinner (1972), “o professor é quem está em contato direto com os alunos e quem planeja as contingências de reforço sob as quais eles aprendem; se ele falha, todo o sistema fracassa” (p. 238). Os sucessos e fracassos de alunos estão relacionados ao professor (Sidman, 2003). O sucesso do aluno é sucesso do professor, assim como o fracasso. Bons professores sabem disso, e cada nota de reprovação que eles têm de dar os arrasa. Com as citações feitas, pode-se perceber que existe uma influência direta entre professores e alunos, que podem gerar consequências positivas ou negativas.

Estas contingências muitas vezes funcionam, e o resultado pode ser superficialmente reforçador para professores, diretores, pais e encarregados de educação e mesmo para o aluno.

A teoria humanista

Na perspectiva da teoria humanista, o ensino seria um processo centrado no aluno. A responsabilidade da educação seria essencialmente do próprio aluno, sendo que seriam criadas condições para que ele pudesse tornar-se pessoa e colaborar com os outros, sem deixar de ser também indivíduo. De acordo com Pretto (1978), baseado na teoria de Maslow, o principal objectivo da escola seria a descoberta da identidade e da vocação, realizando aprendizagens do tipo intrínseco, voltadas para objectivos do indivíduo e capazes de gerar crescimento. Segundo Mizukami (1986), diante dessa teoria, cada aluno é único, e assim o relacionamento com cada um deles, da mesma forma, é único. A escola deve respeitar a criança nas suas individualidades e oferecer condições para o desenvolvimento do seu processo de vir a ser, possibilitando assim a autonomia de cada aluno. Para desenvolver essa forma de educação, um dos métodos utilizados é a não diretividade, autenticidade, compreensão empática e apreço. Rogers (1978) tenta esclarecer o que seriam cada uma dessas qualidades. Sugere que a autenticidade ocorre quando “o professor pode ser uma pessoa real, nos contactos com seus alunos. Pode gostar ou não do trabalho do estudante, sem que isso implique ser bom ou mau professor, ou que o estudante seja bom ou mau; apenas diz o que pensa” (p. 112). Quando se trata de compreensão empática, Rogers (1978) afirma que esta acontece quando o professor tem a “habilidade de compreender as reações do aluno e perceber o modo como o aluno vê o processo de aprendizagem. De acordo com Pretto (1978), baseado na teoria de Maslow, (...) o professor deve ser mais receptivo do que intrusivo, condicionador, acadêmico ou reforçador. Deve ser capaz de aceitar seus alunos, auxiliá-los e aprender que tipo de pessoa cada um é. Acima de tudo, deve propiciar ao aluno a busca do seu crescimento e a sua auto-realização.

É válida a concepção dessa teoria quando busca uma educação sem práticas coercitivas que inibiriam o processo de conhecimento dos alunos. Como o professor não é alguém que interfere diretamente no processo, ele também não usa práticas que prejudicariam o desenvolvimento dos estudantes.

A teoria histórico-cultural

De acordo com Rego (1998), “o desenvolvimento pleno do ser humano depende do aprendizado que realiza num determinado grupo cultural, a partir da interação com outros indivíduos da sua espécie” (p. 71). Nessa perspectiva, o indivíduo é considerado como um ser inserido em um contexto social, que por ele é influenciado, além de também exercer influência. De acordo com Rego (1998), o professor “não deve se restringir à transmissão de conteúdo, mas, principalmente, ensinar o aluno a pensar, ensinar formas de acesso e apropriação do conhecimento elaborado, de modo que ele possa praticá-las autonomamente ao longo de sua vida” (p. 108). Vygotsky (1996), um dos precursores dessa teoria, apresenta o conceito de zona de desenvolvimento proximal, na qual o professor deve basear suas mediações. Nessa abordagem, o professor deixa de ser visto como agente exclusivo de informação e formação dos alunos, uma vez que as interações estabelecidas entre as crianças também têm um papel fundamental na promoção de avanços no desenvolvimento individual. Dessa forma, pensa-se que a maneira como ocorre essa interação será determinante também no interesse dos alunos. Um professor que se mostra disponível, interessado, atencioso, desenvolve relações afetivas com seus alunos, respeita os limites, oferece apoio nas dificuldades e que demonstra gostar do que faz, estará colaborando para que os alunos se sintam acolhidos e capazes para produzirem e avançarem nos conhecimentos, além de fazer com que também gostem das situações vivenciadas no contexto escolar.

A RELAÇÃO PROFESSOR/ALUNO

Como facilitadoras da aprendizagem as relações humanas, embora complexas, são peças fundamentais na realização comportamental e profissional de um indivíduo. As relações e convívios em sala de aula estrutura-se, por meio de todos os envolvidos, o professor sendo mediador, zelando pelo bom trabalho pedagógico e ressaltando que o carinho, os elogios, a importância da opinião dos alunos são maneiras de comunicação e manifestação afetiva. Alves (2005) destaca a alegria do professor em ensinar, em amar o que se faz, ele afirma: “Ensinar é um exercício de imortalidade”. De alguma forma continuamos a viver naqueles cujos olhos aprenderam a ver o mundo pela magia da nossa palavra.

A AFETIVIDADE E O DIÁLOGO NA RELAÇÃO PEDAGÓGICA PROFESSOR/ALUNO

No processo de construção do conhecimento, o valor pedagógico da interação humana é ainda mais evidente, pois é por intermédio da relação professor-aluno e da relação aluno-aluno que o conhecimento vai sendo coletivamente construído (Haydt, 2006, p.57).

Se o professor interage com seus alunos, ele tem a oportunidade de transmitir conhecimentos, mas também assimilar conhecimento através do que os alunos passam nas trocas de ideias, opiniões, experiências, na troca de saberes, no processo de construção do conhecimento. Percebe-se, então, que há uma grande contribuição na formação da personalidade dos alunos por parte do professor. Por isso leccionar é um acto de compromisso tão sério e significativo para os que dele participam. Ainda para Haydt (2006), o professor possui duas funções importantes na sua dinâmica relacional como aluno:

- 1- Uma função motivadora, da qual desperta o interesse no aluno e o faz tornar-se um pensador;
- 2- Uma função orientadora, que dirige o esforço do aluno para a aprendizagem e o viabiliza na obtenção do seu saber (Haydt, 2006, p. 57).

Importa perceber que o professor tem a função de organizar os saberes que seus alunos já possuem, estimulando, incentivando, mostrando as possíveis falhas e apontando a novas aprendizagens. As funções acima citadas são de fundamental importância para mostrar alternativas para os alunos de que sempre é possível progredir.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Se o interesse dos profissionais da educação for de fato com o foco nas reais necessidades, como expectativas da educação na formação de indivíduos críticos-reflexivos, são necessárias haver mudanças não apenas nas palavras, mas nas atitudes. É preciso estar comprometido com o aluno, a escola, a sociedade e professores com uma educação de qualidade, vendo o aluno como indivíduo ativo do

processo ensino-aprendizagem. Só assim os docentes estarão cumprindo o papel de orientador realizando mais do que simples papéis de ensinar. Os docentes devem levar em consideração, enquanto profissionais da educação ou acadêmicos que almejam iniciar a carreira docente, que não são melhores que ninguém, mas que devem sempre aprender seja com outros professores ou até mesmo com os alunos, pois até o mais analfabeto pode ensinar de uma maneira diferente: com o exemplo da própria vida.

A relação entre professor e aluno depende, fundamentalmente, do clima estabelecido pelo professor, da relação empática com seus alunos, de sua capacidade de ouvir, refletir e de compreensão dos alunos e da criação das pontes entre o seu conhecimento e os deles/as. Cabe ao professor apoiar o seu aluno, permitindo que se sinta seguro, confiante, estimulando o seu pensar e agir em sala de aula. É imprescindível a construção de um olhar voltado para a importância fundamental da relação professor/aluno, estimulando a percepção de que os saberes que surgem dessa relação são fundamentais para a construção do conhecimento de todos os indivíduos envolvidos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVES, R. (2005). Estórias de quem gosta de ensinar. 9ª edição. Papirus.
- ABREU, M. C. & MASETTO, M. T. (1990). O professor universitário em aula: prática e princípios teóricos. São Paulo: Cortez.
- ANDRÉ, M. (1999). (org.). Pedagogia das diferenças na sala de aula. Campinas: Papirus.
- ANDRÉ, M^a. J. (2007). A dimensão afetiva na Relação Pedagógica. Representações dos alunos dos 2º e 3º Ciclos do Ensino Básico. Lisboa: Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Lisboa.
- AMADO, J., FREIRE, I., CARVALHO, E. & ANDRÉ, M. J. (2016). O lugar da afectividade na Relação Pedagógica. Contributos para a Formação de Professores. Sísifo (8), 75-86/EN 69-80.
- CHARLOT, B. (2005). Relação com o saber, formação dos professores e globalização: questões para educação hoje. Porto Alegre: Artmed.
- FREIRE, P. (1996). Pedagogia da autonomia: saberes necessários a prática educativa (Coleção Leitura). São Paulo: Paz e Terra.
- HAYDT, R. C. C. (2006). Curso de Didáctica Geral. 8ª edição. São Paulo: Ática.
- MIZUKAMI, M. G. N. (1986). Ensino: As abordagens no processo. São Paulo: EPU.
- MORIN, E. (2005). Introdução ao pensamento complexo. Porto Alegre: Sulina, 2005.
- PRETTO, S. P. N. (1978). Educação Humanista: características de professores e seus efeitos sobre alunos. São Paulo: Cortez & Moraes.
- REGO, T. C. (1998). Vygotsky – Uma perspectiva histórico-cultural da educação. Petrópolis: Vozes.
- ROGERS, C. R. (1978). Liberdade para Aprender (4ª ed.). Belo Horizonte: Interlivros.
- SIDMAN, M. (2003). Coerção e suas implicações. Campinas: Editora Livro Pleno. SKINNER, B. F. (1972). Tecnologia do Ensino. São Paulo: Editora Herder.
- VYGOTSKY, L. S. (1996). A formação social da mente. Rio de Janeiro: Martins Fontes.



Luís Venâncio

Licenciado em Ciências da Educação pelo Instituto Superior de Ciências da Educação (ISCED-LUANDA), na opção de Pedagogia. Mestrando em Ciências da Educação na Especialidade de Administração Educacional. Docente do Ensino Secundário e Universitário afecto ao ISCED-LUANDA. Fundador da AEPEX - Academia de Excelência Profissional e Exclusividade, exercendo o cargo de Coordenador Geral. Membro da Comissão Nacional de Jovens Voluntários de Angola. Palestrante em matérias de Gestão Escolar e Aperfeiçoamento Profissional. Acompanhante de Crianças com Dificuldades na Aprendizagem. luisvenancio332@gmail.com

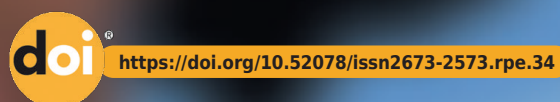


ORGANIZAÇÃO:

Andréia Fernandes de Souza
Manuel Francisco Neto
Vilma Maria da Silva

AUTORES(AS):

Eliane Cristina Bulgan Borges
Elisângela Oliveira Silva
Giselda Trindade da Silva
Lucicleide Pereira dos Santos
Luís Venâncio
Manuel Francisco da Silva e
Estanislau de Sá Bartolomeu
Marilene Pereira da Silva
Monica Nunes
Tatiane Pavão Ongaro Borges
Patrícia Herminio da Silva
Silvana Trindade de Azevedo
Solange Alves Gomes Zaghi
Vera Lucia Meneses de Lima Marques



Produzida com utilização de softwares livres



Platform &
workflow by
OJS / PKP

www.primeiraevolucao.com.br

